A REPUBLICA

NAS

CIRCUNSTANCIAS ACTUAES

DA

NAÇÃO PORTUGUEZA

e a Carta do Sr. Gomes Leal

DIRIGIDA A

EL-REI O SENHOR D. LUIZ I

POR

Manuel Martiniano Marrecas

PREÇO 200 RS.

LISBOA
Empreza Litteraria Luso-Brazileira, editora
DIRECTOR PROPRIETARIO
A. DE SÒUZA PINTO
1881

Manuel Giraldes da Silva



...Tive um condado também
um dia
D'altos castelos... da fantasia

EX-LIBRIS

A REPUBLICA

A REPUBLICA

NAS

CUNSTANCIAS ACTUAES DA NAÇÃO PORTUGUEZA

E A

CARTA DO SR. GOMES LEAL

DIRIGIDA A

EL-REI O SENHOR D. LUIZ I

POR

Manuel Martiniano Marrecas

1881

EMPREZA LITTERARIA LUSO BRAZILEIRA — EDITORA

DIRECTOR-PROPRIETARIO A. DE SOUSA PINTO

LISBOA

Nas luctas que se travam entre os homens, quando elles tendem a construir ou a regenerar uma sociedade, auxiliando-se dos moveis mais poderosos que os podem levar á realisação da sua idéa ; vemos que a religião e a politica, como congenitas e identificadas para a acquisição da perfectibilidade humana, e só guiadas pelo instincto do bem moral, não podem deixar de constituir a suprema rasão da felicidade dos povos.

Milhares d'exemplos nos offerecem as historias de ter a politica, dirigida por uma sã philosophia, e a religião, santificada pela intuição da verdade, contribuido efficacissimamente para a civilisação das communidades humanas.

É, no emtanto, certo que os apostolos d'uma idéa, quando são pouco fieis na exposição das suas doutrinas, falseiam muitas vezes os fins pela adulteração dos

meios: vão esterilisar o terreno de que pertenderiam colher ampla messe, embrutecendo o povo em vez de o instruirem, e despertando n'elle tendencias ferozes em vez de sentimentos generosos e amoraveis.

D'aqui vem que os principios que se pretendem inocular nos adeptos, acceitos momentaneamente e sem a applicação de maduro exame, são logo rejeitados; e os seus propagadores votados á execração, que segue sempre de perto os inconscienciosos doutrinarios.

Quando Jesus Christo evangelisava a sua lei, esse codigo das boas sociedades; quando verberava a hypocrisia, a verdade, ao derramar-se-lhe dos labios, convertia-se em lumes radiantes, que se diffundiam pelo mundo; e o erro esvaecia-se em fusco negrume.

Os pseudo-apostolos da sua religião desvirtuavam-na, maculavam-na, quando em vez da caridade, seu fundamento e divisa, empunhavam o gladio da intolerancia, quando, em vez da doce persuasão e da evangelica doçura, faziam alçar as polés da nefanda inquisição, e applicavam o ferro candente ás carnes dos seus irmãos. Tão horriveis tratos levaram algumas vezes os verdadeiros crentes a entibiar-se na fé, e a dizerem: *descremos d'uma religião que se impõe pelas torturas e pelas fogueiras.* Em contraste, quando Nero, Domiciano e outros monstros ferozes, que imperaram em Roma, se deliciavam com o morticinio dos christãos; quando as victimas de suas inauditas cruezas mostravam uma constancia mais aquilatada que a ferocidade dos tyrannos, muitos espectadores compungidos dos

barbaros supplicios, ao contemplarem essa constancia que transcendia as forças da fraca humanidade, diziam convictos: *queremos ser christãos*.

O que acontece com a religião, dá-se com a politica: aquella insinua-se pelas virtudes que gera no coração dos adeptos, esta pelo zelo do bem publico, a que miram os homens privilegiados que dirigem com prudencia e saber os destinos dos povos. Em ambas porém ha visionarios e fanaticos, que as deturpam e desvirtuam; em ambas ha hypocritas que as torcem do seu benefico fim, especulando com a credulidade e boa fé dos sectarios das suas doutrinas.

Na transição d'um regimen politico para outro, que prometta, e de facto dê mais liberdade ao povo, ha d'ordinario commoções violentas; por que os que medraram á sombra do antigo regimen e n'elle gosavam fóros e influencia que não querem perder, reagem contra a innovação; e as massas tendem sempre para a licença, que se lhes antolha na mudança das instituições.

As idéas de republica lavram muito nas monarchias representativas, ainda n'aquellas que offerecem mais liberdade: taes idéas são acolhidas por muitos, que na sua realisação vêem uma senda facil para o communismo e socialismo. A republica, proclamada em Paris em 1848, deu um especimen d'essas tendencias exaggeradas: felizmente o governo francez teve força para sopear os desordeiros; mas n'outras nações quem

sabe se os caudilhos que dirigem o movimento revolucionario para a acquisição da maxima liberdade regrada; quem sabe, repito, se terão força para extinguirem o incendio que se atear pelas pretenções dos ultra-liberaes, que não deixarão, por certo, d'aproveitar o ensejo de desmantelarem as communidades politicas, afim de realisarem o seu sonho, se elle pode ser realisavel, *d'edificar sobre ruinas?*

Portugal apresenta na actualidade uma tendencia bem ostentiva, e pronunciada por muitas e recentes manifestações, para o governo republicano.

Quereis uma republica, concidadãos? Tambem a queremos, tambem a temos defendido em these, tambem a queriamos ver realisada na pratica; se é possivel (attenda-se bem) se possivel é haver da parte dos governantes a abnegação, desinteresse e desprendimento d'ambições, emfim um verdadeiro amor da patria; e da parte dos governados o respeito á lei, o acatamento á auctoridade, e a cooperação leal, fecunda e compacta para a prosperidade publica. Sem taes requisitos não ha republica possivel, ou um estado verdadeiramente livre; são tão sólidos os edificios politicos construidos sobre utopias, como os castellos fundados sobre a areia.

Mas onde está a moralidade precisa, para que os homens, conscios dos seus deveres, se compenetrem do que devem a si e á patria?

As grandes creações politicas não estão só no espirito investigador e inventivo de profundos philosophos,

nem na experiencia d'abalisados estadistas; são ellas tambem subsidiadas pela lição da historia.

Façamos um retrospecto para as republicas da antiguidade, não omittindo ainda algumas das posteriores e das que existem; e ahi descobriremos que os estados de tal cathegoria medraram e deram exemplos notaveis de feitos heroicos, em quanto os seus costumes foram puros; e, pelo contrario, cahiram, quando degenerados e corrompidos.

E, para não nos tornarmos tedioso aos benevolos leitores, citaremos poucos d'entre os numerosos exemplos que poderiamos citar; mas que exuberantemente demonstram, que os dotes requeridos para a boa administração e estabilidade d'uma republica — *abnegação, desinteresse e desprendimento d'ambições* etc. — são indispensavelmente necessarios, mormente n'estes tempos em que falta o primeiro e essencialissimo regulador das acções humanas.

Vemos um Aristides, habil general d'Athenas, a quem os seus concidadãos condemnaram ao ostracismo, só por querer ser appellidado *o Justo*, e que tão justo realmente era, que até (segundo a opinião d'alguns escriptores) escreveu o voto contra si a um cidadão, que não sabia escrever. *Exemplo d'abnegação.*

Vemos um Cincinnato, que largou a esteva da sua charrua, mandou buscar á cabana em que habitava, a sua toga e sacudiu-lhe o pó, para receber a deputação de Roma, que da parte do senado lhe trazia a nomeação de dictador. Depois de salvar a patria pelo

seu valor e dedicação, voltou a cultivar o seu pobre campo de quatro geiras de terra. *Exemplo de desinteresse, e de gloria n'uma vida obscura.*

Vemos um Camillo, que do exilio, a que o haviam injustamente condemnado cidadãos ingratos, veiu restaurar Roma occupada pelos gaulezes, quando ella descia á abjecção de se ir resgatar a peso d'ouro. É que a espada d'aquelle nobre e valente cidadão pesava mais que os pesos do ouro, addicionados com o da espada do Brenno gaulez. *Exemplos d'abnegação e amor patrio.*

Vemos um Fabricio illustre na pobreza, de quem disse um poderoso rei seu inimigo, *que era mais facil affastar-se o sol do seu curso, do que Fabricio do trilho da honra*; e isto por occasião de mandar entregar a Pyrrho o medico traidor, que se offerecera áquelle general romano para envenenar seu amo, se Fabricio lhe pagasse a traição: *Exemplo d'heroica probidade e desinteresse.*

Vemos o celebre Catão d'Uttica, que immolou a vida nas aras da republica, seu idolo, quando a viu miseravelmente baquear nos plainos de Pharsalia, ao poder das armas de Julio Cesar, o primeiro usurpador d'essa familia que esmagou a liberdade romana, abrindo caminho para o absolutismo d'outro Cesar, seu sobrinho, e demais tyrannos que lhe succederam: (valente era o primeiro, e astuto o segundo, como o foram nos tempos modernos um tio e um sobrinho, que seguiram as mesmas pisadas para se elevarem ao summo impe-

rio, esmagando republicas). *Exemplo de desprezo e de martyrio por uma idéa, dado por um homem que amava tanto sua patria, que não quiz sobreviver á perda da liberdade d'ella.*

Vemos um Attilio Regulo, a quem os carthaginezes tiraram as cadeias de prisioneiro de guerra para ir a Roma sua patria, propôr da parte do governo de Carthago a troca dos prisioneiros e a paz. Propoz a guerra, porque a paz era ignominiosa para o nome romano; preferindo assim a gloria da republica á sua vida, que lhe foi tirada por um inhumano e horrivel supplicio. *Exemplo de pasmosa abnegação e d'heroico civismo.*

Vemos o immortal Franklin, o apostolo providencial dos Estados Unidos, que com a singeleza da doutrina que ensinava ao povo americano, creava n'elle bons cidadãos para colherem bom fructo da liberdade, pela pratica das virtudes que lhes insinuava nos corações. *Exemplo d'um homem raro, que só viveu para o trabalho, para o estudo da natureza e para a moralisação d'um povo republicano.*

Vimos ha pouco a nação franceza, apeada do pedestal da sua grandeza, pelas victorias contra ella ganhadas pelo exercito prussiano: vimos surgir do meio dos seus desastres um homem providencial que a reconstruiu e tirou da abjecção em que se achava prostrada. Ninguem ignora os serviços prestados á sua patria por Thiers, esse velho sabio, previdente, um dos primeiros vultos do seculo XIX. *Exemplo vivo de dedicação por um povo obcecado, que não quiz es-*

cutar os seus prudentissimos conselhos, quando o queria desviar da temeraria empresa da guerra que fatalmente declarou á Prussia.

Faremos agora curta menção d'alguns flagellos, damnosos ás republicas, enumerando os males que lhes teem vindo do egoismo, da ambição, das luctas fratricidas que ella lhes tem acarretado, e da perda da liberdade pela desmoralisação dos povos.

A guerra civil de Mario e Sylla, dois monstros d'ambição, que pertendendo sustentar a causa da democracia e da aristocracia de Roma, só aspiravam á tyrannia; deixou na historia d'aquella famosa potencia uma pagina bem ensanguentada, pelos horrores que se praticaram. As proscripções foram pavorosas hecatombes, em que o sangue de milhares de romanos correu em ondas pelo campo de Marte e outros logares.

Desmantelada a republica pelo capricho ambicioso d'aquelles ferozes caudilhos, era indispensavel para a existencia politica de Roma uma reconstrucção: para ella se escolheu o primeiro *Triumvirato*. Seria elle auspicioso, se os seus membros tivessem boa fé, abnegação e amor patrio; mas o fatal destino que pesava sobre a nação romana, permittiu que entre os Triumviros houvesse um Cesar, que, guerreando perfidamente os seus collegas Pompeo e Crasso e exterminando-os, coroou a sua obra, assumindo a dictadura perpetua; arrojo que, embora lhe custasse a morte a que succumbiu com vinte e tres punhaladas, deixou

no emtanto a republica em situação peior do que se achava no fim da guerra civil, e a liberdade á beira d'um abysmo.

O segundo Triumvirato correu parelhas com o primeiro, e lá apparece um segundo Cesar (sobrinho e filho adoptivo do primeiro) empregando os mesmos ardis e perfidia. Mais feliz, porém, que o primeiro teve as artimanhas precisas para dispor os romanos a dobrarem a cerviz á monarchia absoluta. Assim baqueou a republica romana, porque já não havia Catões, Regulos, Camillos nem patriotas do mesmo jaoz, que a pudossem sustentar: a immoralidade fizera desapparecer o civismo d'outras eras; era pois inevitavel o golpe, e elle não se fez esperar.

Cromwel, levando ao cadafalso o infeliz Carlos I, fez gemer a nação ingleza sob o jugo d'uma sanguenta tyrannia, mascarada com o pomposo titulo de *protectorado*.

D'envolta com o façanhudo Marat, que prégava uma republica de exterminio a um povo desvairado por seus furibundos pamphletos, escriptos entre as negras paredes de lobrego subterraneo; com Danton, Robespierre e outros sanguinarios *convencionalistas*, apparece o corso Napoleão, ambicioso especulador, que, inculcando-se d'alma e coração republicano moderado, fez da republica degráo para subir á monarchia imperial de França.

Na segunda republica lá vimos ainda outro Napoleão, que, escolhido para presidente d'ella pelo pres-

tigio do nome, ousou ardilosa e perfidamente esmagal-a por um inqualificavel golpe d'estado; cingindo a cabeça com o diadema imperial, que melhor se ajustava na do rei destronado, que incontestavelmente fez prosperar a França no seu reinado de 18 annos.

E a terceira republica, quem a dirá solida? Oxalá que o esteja! mas esperemos a ultima rasão dos factos.

Vemos, emfim, dos exemplos que deixamos citados, que sempre que nas republicas houve moralidade nos povos, respeito ás leis e civismo nos governantes, aquelles estados se mantiveram na ordem e prosperidade asseguradas pelas suas intituições. A corrupção, porém, dos costumes acarretou a perda da liberdade, a que succedeu a anarchia e a esta o despotismo. O grande colosso da antiguidade caiu, não pela tactica e bravura dos povos barbaros que invadiram Roma, mas pela corrupção de seus filhos. E quem sabe se nós, nação neolatina, seremos exterminados por identicas causas viciosas, que se acham quasi em perfeito parallelo com as que cooperaram para a queda do Imperio romano do Occidente, e d'ali a dez seculos para a do Imperio do Oriente?

Anda uma cousa no ar — diz-se por ahi: a phrase é impertinente, de já gastada; mas adoptamol-a, porque é moda; e mesmo porque é (releve-se-nos o plebeismo da phrase) um *môlho de pasteleiro*, que vae servindo para varios guisados. Usou d'ella, talvez prescientemente, um membro do parlamento portuguez.

Anda uma cousa no ar, repetimos, mas não se sabe d'onde vem, nem aonde irá parar. O appendiculo de *federal*, apposto á republica que tanto na actualidade se preconisa, tem dado que pensar aos republicanos mais sensatos e previdentes. Perguntam elles, azoinados pelo som, um pouco ingrato, da palavra, quaes são as provincias, outr'ora autonomas, que devem formar a confederação? Não são por certo os reinos da Etruria e do Algarve, com que Napoleão I adulava, ou antes engodava Carlos IV, e com que este engodava ou, mais propriamente, queria remunerar a affeição e intimos serviços de Godoy, essa nullidade, que muito se elevou á sombra das graças d'aquelle monarcha, que tem um nome inglorio nos fastos da nação hespanhola. Convidaremos a agremiar-se comnosco no pacto federal um povo extranho, a republica d'Andorra, por exemplo? É um estado pequenino, é uma miniatura de republica, e, como tal, não pode damnar aos nossos planos de futura grandeza. Ha, porém, um ponto que contrasta esta annexação um pouco hybrida; e é, que o espaço que se interpõe aos dois estados, pode empecer a sua acção governativa, e arriscar a sua estabilidade.

Convenhamos, senhores, em que o povo portuguez não está por emquanto habilitado para a republica, nem physica, nem moral nem politicamente. Eduquemos o povo, corrijamo-nos dos nossos defeitos, dispamo-nos d'ambições, posterguemos o egoismo, que só inspira aos homens no poder (e infelizmente os exem-

plos chovem) o seu commodo e os meios mais asados de favorecer, elevar e até delocupletar os seus amigos e apaniguados. Convertamos a licença que nos deshonra e desvirtua, n'uma liberdade regrada; tiremos da decadencia em que se acha, e salvemos da imminente ruina que a ameaça, uma nação de gloriosas tradições; façamo-nos respeitar dos estrangeiros, de que somos, pelos nossos erros, um vil joguete; reconstruamos as nossas finanças; reduzamos ás proporções, consentaneas com as nossas forças, os tres cancros que nos estão corroendo — *funccionalismo*, *exercito* e *obras publicas*: e, operada esta benefica e salutarissima reforma, proclamemos então a republica. Semeae então, republicanos, que correis avidos a uma liberdade intempestiva; semeae então n'este terreno já desbravado, e nós vos ficamos que a semente será abençoada, e a colheita corresponderá aos vossos desejos.

N'esses meetings tam concorridos, mas em que a maior parte dos ouvintes não sabe o que é republica, ou antes affigura uma cousa alheia totalmente do que é na sua essencia, vós a apregoaes só pelo lado da liberdade que ella pode trazer ao povo, sem indicardes aos proselitos que quereis fazer, os deveres que teem a cumprir, e a abnegação que os deve guiar no cumprimento d'esses deveres: mostraes a medalha, e occultaes o reverso d'ella. Esbravejaes contra a monarchia, pintaes os delegados do poder como arrogantes e prepotentes pretorianos. Não vêdes que o homem vem ao mundo com um instincto innato de rebeldia

contra tudo que é obrigação e constrangimento, propendendo sempre para uma liberdade illimitada, e reagindo contra as leis que lh'a coarctam? Não vêdes que, tornando-lhe odioso o chefe do estado e os magistrados da nação, daes armas contra vós, acostumando o povo á desobediencia aos imperantes e ás auctoridades constituidas; e, por consequencia, quando um dia fordes ao poder, não tereis força para o conterdes dentro dos limites da obediencia e respeito?

Lêde a nossa historia dos ultimos tempos, folheae a chronica luctuosa das nossas dissensões politicas, d'essas convulsões inherentes ao estabelecimento e consolidação do systema representativo, e la achareis que o homem que mais pugnou pela creação das guardas nacionaes, foi a primeira victima do seu furor n'um movimento popular; chegando o canibalismo dos siccarios, nas praias da Pampulha, onde se perpetrou o horrivel assassinato, a collocar uma tigella de 10 réis junto do cadaver seminú, para receber as esmolas dos transeuntes: piedade irrisoria a par da brutal impiedade!

Estas reflexões, desataviadas, conscienciosas e filhas da experiencia dos annos, e deduzidas da logica dos factos, que bradam mais alto que as doutrinas apregoadas por homens obcecados, estamos certos que nenhum homem prudente nol-as contestará. Fallamos ao povo com a effusão do coração; e desaquilatada seria a nossa obra, se o ouropel d'uma estudada eloquencia viesse tirar-lhes a singeleza, que é o seu unico adorno.

Queremos a republica, repetimos; mas diremos, como Thiers em vão o dizia no parlamento francez, quando se tratava da mal auspiciada guerra contra a Prussia: *não estamos preparados!*

Appareceu de data recente, um pamphleto com o titulo de *Carta a El-Rei D. Luiz sobre a venda de Lourenço Marques, por Gomes Leal.*—N'este escripto é desbragadamente apodado, descommedidamente tratado o chefe do estado. Ora, tratando aqui de leve, e em geral, do assumpto d'aquelle opusculo, antes de descer ás particularidades d'elle, diremos que um governo é bom, é excellente, é optimo, emquanto não for substituido por outro melhor. Diremos mais que todos os governos, quando um imperante trabalha do coração pela felicidade do seu povo, mantendo, só pela justiça, o respeito á lei, e fazendo, sem repressões violentas, acatar a auctoridade, são bons; porque um rei virtuoso faz esquecer a qualificação do poder que exerce: tyrannos e despotas podem apparecer, sob qualquer regimen, sempre que haja soberanos que abusem do poder, e subditos que se curvem aos seus caprichos e arbitrariedades; é possivel o facto, mas não é provavel n'estes tempos; e governos facciosos, seja qual fôr a sua bandeira, não têem qualificação que possa inspirar sympathia.

Posto isto, não vemos rasão plausivel para que se indisponha um povo contra um soberano, que delega todos os actos do poder nos seus ministros; reservando

apenas para si, e ainda muito reduzidas, as attribuições do poder moderador.

Seja qual fôr a queixa que um cidadão ou uma collectividade tenha d'um monarcha, tem livre a desaffronta sem ultrapassar os limites da cortezia, e sem quebra das leis da decencia: em linguagem commedida podem dizer-se as verdades mais amargas; e a acrimonia nem sempre revela a justiça da queixa. Entendemos tambem (e quem sensatamente o não entenderá!?) que um partido politico, qualquer, não se impõe, não propaga o seu credo com doestos, com calumnias nem com palavras em diametral opposição com o preceito do *euphenismo*, tão recommendado aos escriptores n'essas theorias que necessariamente deve observar quem bem escreve: *Humanissimis verbis ad quostionem revocat* é o canon que deve estar sempre presente á memoria de quem entra nas grandes questões, sejam de que natureza forem: dirigimos a citação em latim ao illustrado auctor da Carta, por nos parecer que, como prosador e poeta, não deve ignorar a lingua latina, conhecimento indispensavel ao escriptor publico.

E para levar concerto em tudo (com a licença previa da nossa profissão da fé religiosa e politica) passaremos a analysar a *Carta* a que nos referimos, hoje tão lida e festejada por uns, e tão desagradavel a outros. Os nossos reparos serão conscienciosos por que não são inspirados pelo odio, que o não temos nem aos homens nem aos partidos: não pertencemos a nin-

guem, só pertencemos ás nossas idéas politicas ou antes á nossa consciencia.

Não tomaremos o escalpello da irrisão, como alguem já fez, recorreremos ao correctivo da critica litteraria, sem termos a pertenção nem a vaidade de que a obra tenha foros de didactica. Se o illustrado auctor entender que o affrontamos, esperamol-o imperterrito no campo da discussão leal, mas sem apodos, sem diatribes, e brandindo só as armas do raciocinio, suggerido pela logica dos factos, e tendo por unico escudo a verdade.

Prescindimos n'esta analyse de fazer reparos sobre a natureza do assumpto, com os desvios que a deturpam; porque n'outro logar já emittimos, a esse respeito, a nossa humilde opinião: limitar-nos-hemos, e muito de leve, a notar a pouca observancia que o A. fez das regras necessarias para bem escrever — *pureza, correcção e clareza;* indicando d'entre muitas faltas, por elle commettidas, as que se devem considerar de primeira intuição. No entanto, *suum cuique tribuendo,* reconhecemos no A. muita aptidão poetica, bastante inspiração, e trechos ha na epistola em que os doutos lhe não podem negar merito.

Pag. 6 — *Calcar os pés.*

O A. peccou aqui contra a vernaculidade da lingua, que demanda a rigorosa observancia da grammatica: devia dizer *calcarem*, porque tem por sujeito *pés*.

Ibidem — *Picaro e pandilha.*

Epithetos abjectos e improprios d'um estylo culto: ha erro no segundo, que, significando uma collectividade, não pode applicar-se a um individuo. Devia dizer *pandilheiro.*

Ibidem *Podem... haver.*

Outra falta contra a vernaculidade da lingua: este verbo como unipessoal, vae sempre no singular. O A. por certo não diz nem escreve *hão homens,* mas sim *ha homens;* logo devia escrever *pode haver:* ha pois aqui um erro de grammatica.

Ibidem — *Latrinarios.*

Não ha tal palavra na lingua; ha sim latrineiros; mas não era esta que convinha ao pensamento do A., e, como palavra derivada, é mais asquerosa que a sua primitiva, na applicação que o A. faz d'ella.

Ibidem — *Debochado.*

É gallicismo intoleravel, de que nem mesmo na conversação se deve usar.

Ibidem

Dize se a urna d'ouro e de chrystal partida
atirada ao bordel, mulher prostituida,
pode ainda conter, em lagrimas regada,
Amacia flôr, virginea, avelludada,

virginal como o amor n'um moço coração
a flôr que nos condoe, a santa flôr perdão!

Esta allegoria está confusa e inintelligivel. Parece que o A. não sabe que a *metaphora* é a perola do discurso; mas que não pode empregar-se sem que haja a relação de semelhança entre as duas palavras em que assenta a translação. Que *urna* é esta, que póde conter a flôr *perdão*; e como póde esta santa flôr condoer-nos? A tautologia *virginea* e *virginal* está fóra de todas as regras, não se admitte nem na prosa mais chã. O coração moço, em vez de *juvenil*, não tem exemplo classico.

Pag. 7 — *Herdeiros d'uma herança fatal.*
Não se sabe que herança é esta: devia o A. pelo contexto fazel-a conhecer ao leitor; visto ser uma palavra de significação relativa, que demanda um termo a essa significação.

Ibidem — *É doce, e ao mesmo tempo é fel.*
É inadmissivel a applicação d'estas oppostas qualidades á mesma substancia, quando se não dá a rasão do contraste.

Ibidem — *Odio eterno... que é tambem amor.*
Odio amor, ou *amor odio*, teem o mesmo valor na contradição inadmissivel: parece que o A. desconhece o axioma *non potest idem simul esse et non esse.*

Ibidem — *Vasa de monturo.*

O A. empregou esta palavra com o intuito de exprimir por ella uma substancia mais repellente; fique sabendo que *vasa* propriamente é o lodo ou nateiro que deixa a agua nas ribeiras e nas covas depois de passar a enxurrada; não pode pois estar nos monturos, como o A. pertende.

Ibidem — *Hotel.*

Palavra que não existe na nossa lingua, nem ha necessidade d'ella, embora, pelo pessimo gosto do francezismo, vá tando voga; no emtanto o escriptor que d'ella usar, não pode deixar de ser tachado do vicio de barbarismo.

Ibidem — *Peor que a cova.*

É tão ingrato aqui este termo, que só a necessidade da rima pode dar-lhe cabida.

Ibidem — *Não quer's senão rir.*

Não é permittida a elisão que o A. aqui fez por causa da metrificação: tirar um *e* entre *r* e *s* é de leso syllabario, e admittida que seja tão extravagante elisão para fazer o 1.° accento em *rir*, ainda o verso fica errado.

Pag. 8 — *Nervos e tendões.*

Quem ha que os não tenha? E, se o A. empregou

estas palavras em sentido metaphorico, onde está o fundamento da metaphora?

Ibidem — *Rugir*.

Ruge o leão (significação propria), *ruge* o vento, *ruge* a seda, etc., mas *rugir* a geração nova não se admitte.

Pag. 8 — *Salafrario*.

Não ha em portuguez tal palavra, e sim *ceroferario*, que é um sachristão que leva um castiçal com vela ao lado da cruz n'uma procissão: veja o A. que a palavra vem de *cera* e *fero*.

Ibidem — *Apologia... do odio*.

O A. não elogiou, apenas definiu o odio (se definição póde ser); e n'este logar quasi o tomou por musa inspiradora, como José Agostinho de Macedo, quando invocava a *zanga;* devendo antes invocar o despeito, que o levou á concepção do seu poema — *Os Burros*, que fez mais mal ao poeta, do que aos individuos que elle pertendia ferir.

Pense n'isto o A. da epistola.

Ibidem — *O revel... que sentiu em seu peito... rebellado*.

Este modo de dizer aproxima-se muito d'outra tautologia.

Ibidem — *Odio... sagrado.*
É tão vil o sentimento do odio, que lhe não póde quadrar o epitheto de *sagrado.*

Pag. 9 — *Roncos do leão.*
Attentando bem na significação de *roncos*, nunca poderá com propriedade substituir a palavra *rugidos:* ha differença entre os dois termos.

Ibidem — *Quadrumano.*
É *quadrúmano* e não *quadrumâno.* Admitte-se no verso, mas com reserva e com certas palavras, o emprego da *diástole,* que alonga a syllaba breve, como fez Camões, dizendo *centimâno por centímano*: talvez o A. tenha aproveitado esta licença poetica... quem sabe...

Ibidem — *Reis sorrindo ensanguentados.*
Quem se vê ensanguentado, não tem vontade de rir. O A. queria dizer *cruentos;* mas a necessidade da rima obrigou-o a empregar uma palavra impropria. Pode applicar-se-lhe o seguinte *epiphonema:*

...Quid non mortalia pectora cogis,»
Vatis ardua fama!

Ibidem — *Arremessando ao azul o grito da sua ira.*
Que *azul* será este? O A. não o diz: parece pelo contexto que é o ceo; tambem não pode ser *antono-*

masia por que está fóra de todas as regras; e pelo que temos visto, o A. desconhece as figuras tão necessarias á poesia. Pode dizer-se *Eterno* por *Deus*, etc., mas nunca *azul* por *ceo*, porque não é qualidade caracteristica, pelo menos para o uso da antonomasia.

Ibidem, —*Justiça, Mãe.*

Vão apparecendo muitas mães, e o A. fallou ha pouco na que vende a filha; mas aqui por certo não é essa. Será a patria? Mas com que fundamento empregou a palavra sem um epitheto ou complemento, que podesse esclarecer o leitor: quer que elle adivinhe?

Pag. 9—*Meu unico luar.*

Que significa este luar? O A. queria talvez dizer *luminar*: seja como fôr, é impropria a palavra.

Ibidem—*Meu idolo, meu mal, etc.*

Como póde harmonisar-se este mal, com *idolo, virgem, anjo custodio* etc. Provavelmente o A. o inseriu por lhe faltar uma syllaba; sem attender a que repugnava no sentido aos outros epithetos que applica a esta nova mãe.

Ibidem—*Depois de ti não ha senão odio.*

O A. não ama senão sua mãe, odeia tudo o mais: é um misanthropo de novo cunho.

N. B. Tanto este trecho que acaba pelas palavras acima citadas, como o seguinte até ao decimo verso,

estão confusos e inexplicaveis: não ha nos seus conceitos ligação, ordem nem unidade; é uma *indigesta moles*, que reage a cada passo contra as regras da *critica* e da *hermeneutica*. Quem é esse *monstro*, *que se vê no ceo?* Porque está o ceo *todo de bronze?* E depois de fallar no ceo, que sentido podem as palavras *em cima escuridão, em baixo infamia e noite?* Dicant paduani.

No 2.º trecho como se podem interpretar as palavras; *este odio faz que, cheios d'utopias, vamos sem tino amar nas virgens serranias?*

Ibidem — *Odio virginal das consciencias brancas.* Emprega aqui o A. *brancas* por *candidas*, com pouca propriedade; e menos tem ainda o epitheto *virginal* applicado a *odio*.

Pag. 10 — *Barbaros cavallos*
Um animal tão nobre, tão intelligente, tão docil e que muitas vezes salva o homem de perigos, tachado de *barbaro!* É barbaridade.

Ibidem — *Raio da coragem.*
A metaphora não tem rasão de ser, ainda mesmo que o A. dissesse *fulminante coragem*.

Ibidem — *Quente em brasa.*
Se está em brasa, é desnecessario dizer que está quente: ha aqui uma redundancia viciosa.

Ibidem — *Cortezãas (sic) hieraticas.*

Não ha na lingua esta palavra *hieraticas*. Talvez o A. quizesse dizer *hierarchicas (ou jerarchicas)* ou mesmo *heraldicas:* qualquer dos dois epithetos poderia accommodar-se a *cortezãs;* mas como está é barbarismo.

Ibidem — *Ululam de luxuria etc.*

Seja qual fôr a condicção em que a mulher se ache, é sempre um ente respeitavel, e o escriptor que tenha d'occupar-se das suas fraquezas, deve usar d'expressões decentes: *ulular (uivar) de luxuria como as cadellas*, é uma phrase que mancha bem a penna do poeta, que a arrojou para o publico. Parece que o A. não sabe o que é o *euphemismo*, e não leu as obras do P.^e^ Vieira e outros classicos que com tanta elegancia o empregam.

Pag. 11 — *Tumulo vasio.*

Não estava o peito, ou *tumulo* como aqui lhe chama o A., tão vasio d'affectos, que se não achasse ainda impressionado pelos encantos campestres da *palmeira, estrondo das torrentes etc*,. de que o A. falla mais adiante.

Ibidem.

Ou como um cenobita esconde o rosto aos beijos
Das lyricas visões pelo Sabbat *do Mal.*

Aqui está outra allegoria, se tal qualificação lhe cabe, que não tem explicação. O que são estes *beijos de visões lyricas*, a que o cenobita esconde o rosto? O que é este *Sabbat do mal?* E' o mau gosto de certa eschola e que por ahi campeia.

Pag. 12 — *Treva exangue.*

Atrevida metaphora no epitheto d'*exangue*, applicado *a trava: exangue* (sem sangue ou desanimado) só pode quadrar aos entes animados.

Ibidem — *Heroicos descontentes.*

Não é facil haver heroes no descontentamento: talvez o A. tomasse *heroicos* por *heroes*, e, se o fez, devia lembrar-se que tem seus limites a liberdade de substantivar adjectivos.

Ibidem — *Vinhos eloquentes.*

Que o vinho, em certos casos, faça os homens eloquentes, entende-se; o ter tal liquido eloquencia é que ninguem pode admittir.

Pag. 13 — *Florestas da idea.*

Não ha relação entre floresta e idea, para que o A. use d'aquella expressão.

Pag. 14 — *Collosso rhodio.*

Se o A. dissesse simplesmente *colosso*, podia admittir-se a metaphora, tomando a palavra na acepção

d'uma cousa de grande volume, ou descommunal; mas não podemos admittil-a, especialmente na applicação que d'ella faz, em quanto ao Collosse de Rhodes, que foi uma das 7 maravilhas do mundo, e que tinha tanto de nobre e de magnifico, como o despotismo tem de ingrato e vil.

Pag. 15 — *Os tragicos até.... ler etc.*

Quem são estes tragicos? Serão poetas, actores, dramas etc.? Ninguem o sabe. E visto serem esses taes que lêem depois do café, devia o A. dizer *lerem* e não *ler*, segundo a observação já feita n'outro logar em que se tratou d'este ponto de grammatica.

Pag. 15 — *Aroma o travesseiro.*

Aromar por *aromatisar* é barbarismo.

Ibidem — *Não padecer do utero.*

O A. tomou aqui *utero* por ventre ou estomago de homem, não se lembrando que só a mulher é que tem o orgão d'este nome, que é onde se forma e desenvolve o feto até ao nascimento: terrivel lapso foi este, se é que foi lapso.

Pag. 16 — *O essencial, o ordeiro.*

Empregou aqui a A. o termo *ordeiro* por *ordem, boa ordem* ou *conforme com a ordem,* obrigado pela rima: não vê que a significação d'aquella palavra não se accommoda ao sentido do logar?

Ibidem — *Vago de scismar.*

Scismou o A. em empregar *vago* por *horas vagas*, quando a palavra tem significação differente.

Pag. 17 — *Um dia explosirá.*

O verbo d'onde vem o substantivo cognato *explosão* é *explodir*, e não *explosir*; assim como *d'invadir*, *invasão* — de *difundir*, *difusão* — de *intrudir* (que não é usado, mas que o podia ser, visto termos o derivado) *intrusão* etc. etc. O A. podia allegar que alguns litteratos, e entre elles um notavel, têem dicto *explosir*; mas é erro: e por que erram elles? por que não conhecem a lingua mãe da portugueza, aquella sem cujo conhecimento ninguem pode ser bom escriptor em portuguez.

Ibidem — *Odio heroico e santo*

Ao odio, de sua natureza baixo e vil, repugnam as qualidades d'*heroico e sancto*: d'esta maneira poderiamos dizer *baixo heroismo e vil sanctidade (quæ te dementia cepit?*

Ibidem — *Corrupções d'esta farça fatal.*

Que farça corrupta é esta? Por este *galimatias* (não gostamos de nos servir de palavras francezas, não estamos na moda; mas vá esta com licença do A. da Epistola) por este *galimatias* quererá exprimir a corrupção da nossa edade (velha ou nova, como queira) que está representando uma força fatal?

Ibidem — *Grande nausea*

Se o A. está ancioso ou impaciente no desejo de assistir ao tal drama, como é que tem nausea ou enjôo de o presenciar? Está na sua mão o evitar esse incommodo.

Pag. 18 — *Guerra eminente*.

Custa a crer que o A. não conheça a differença que ha entre *eminente* e *imminente*: o primeiro significa *elevado, sobranceiro*, e o segundo *proximo, propinquo etc*.

Pag. 19 — *Jesus desfeito em pó*.

O *memento homo, quia pulvis es* etc. não pode ser applicado a J. Christo, nem é de bom christão referir-lhe aquella expressão.

Pag. 19 — *Todos os ideaes velhos*.

O que são estes ideaes que, apesar de velhos, ninguem os conhece?

Ibidem — *Fosse-se o sol* etc.

Este concurso de *ss* é pouco euphonico; é antes cacophonico.

Ibidem — *Das minas do Czar e a excommunhão* etc.

Se o A. poz a particula antes dos complementos *grandeza*, *tiaras*, *sceptro* etc. por que a tirou antes da *excommunhão*? O pensamento ficou *louche*, como dizem os francezes.

Pag. 20 — *Blocos*

Não existe esta palavra em portuguez, nem mesmo por moda se usa: e que precisão temos nós do termo francez, tendo mais d'uma palavra em portuguez, que lhe corresponde na significação?

Pag. 21 — *Perdição á luz* etc.

Devia o A. dizer *com a luz*: a particula que emprega, dá á phrase outro sentido.

Pag. 22 — *Terra meretriz.*

E' repugnantissimo este epitheto com referencia a *terra*; e, se ella aqui significa por *metonymia* os seus habitantes, as mulheres que agradeçam ao A. a amabilidade com que as mimoseia.

Ibidem — *Aza negra.*

Que *aza negra* é esta, em que o Amor voou? Será a do morcego? O Amor de certo não escolheria esse repugnante mamifero para atravessar os espaços.

Pag. 24 — *Lyrios das galés.*

Cruamente o A. transportou para as galés a bella flor, encanto dos valles; é como se fosse metter a pudibunda rosa, com toda a sua frescura e viço, n'um barril de lixo: honrar com taes hospedes os logares immundos é a antithese do aceio.

Pag. 25 — *Traçarão grandes circos.*

Circo e *Circulo* fazem differença muito sensivel; e

tão conhecida é ella, que nos pouparemos ao trabalho de aqui a indicar. O A., sobrando-lhe uma syllaba no seu alexandrino, sacrificou a palavra *circulo* á metrificação: antes errar o verso que a propriedade das palavras; no entanto ainda tinha recurso para não errar, escrevendo *cir'clos*.

Pag. 26 — *Confins da idea.*

Que entenderá o A. por estes *confins*? Talvez pertença a essa eschola de litteratos que escrevem só para si; e, n'este caso, pode figurar palavras como entender; ainda que estejam nos confins ou fóra da região do bom senso.

Pag. 27 — *Ouvir sem dor os gritos d'agonia da sua . . . mãe.*

Ha contradicção nas partes d'este pensamento; pois se o homem *estava abrasado do amor da humanidade*, como podia ouvir sem dor os gritos d'agonia que sua mãe soltava?

Ibidem — *Santo paiz.*

E' o amor da patria, ou do *paiz* como aqui lhe chama o A., que é sancto, e não o paiz: entenda-se bem.

Pag. 28 — *Curva indefinida.*

O A. tem razão, esta curva não se define.

Pag. 29 — *Do Ceo, vingança, descereis.*

Que do ceu desça a verdade, como disse Voltaire quando a invocou como musa inspiradora do seu poema epico — *La Henriade;* — mas a vingança... por que a não fez o A. surgir do inferno? alli é que se devem considerar localisados todos os sentimentos vis.

Ibidem — *Vos ver montar no teu . . . cavallo.*

E' de lesa grammatica o emprego do possessivo *teu* depois do pronome *vos.*

Ibidem — *Duque imbecil.*

D. João não era fraco ou sem fôrças, na accepção em que a palavra em portuguez pode ser admittida; mas n'aquella em que o A. aqui a emprega, é gallicismo.

Pag. 31 — *Despe a espada.*

Despir a purpura, despir-se de preconceitos etc. etc. são figuras que se admittem; mas *despir uma espada* é metaphora atrevida: o A. devia dizer *descingir*, mas não quiz, por que faltava á metrificação.

FIM

1881, Lallemant Frères, Typ Lisboa.